

Clara não ouviu a Haftará até o fim, porque havia muitos pássaros na janela, voando para outros países, e nuvens que vagavam no céu, e ela chorava dentro de um lenço bordado, até que sua mãe a empurrou com o cotovelo, sussurrando-lhe ao ouvido algo que ela não entendeu.

Schmuel Abuman foi prometido à filha de um homem mal-humorado que cortava carne no mercado com golpes furiosos. E, após as núpcias, mudou-se para outra cidade. Clara cresceu num pátio cheio de crianças, gostava de pratos gordurosos, bolos doces, condimentos fortes e chá de hortelã. Na casa circulavam cochichos e boatos diversos, e Clara esperava que lhe dissessem o que fazer. Uma vez sonhou que Schmuel Abuman se aproximava, oferecendo-lhe um ramalhete de flores, mas acordou tão de repente que lhe foi impossível lembrar se havia ou não recebido as flores das mãos dele. E assim, de boato em boato, trouxeram-lhe um noivo. Seu nome era Sasson e ela olhou-o direto nos olhos e soube que era belo e que a amara à primeira vista, pois ele tremia quando lhe falava. Ela lembrou-se de Schmuel Abuman e cantou um trecho de Haftará dele, só para si mesma, lembrando-se de seus olhos verde-dourados e sua desesperada expressão de tristeza. Envolvida num temor mesclado com uma estranha felicidade que se movia dentro dela, sentia vontade de chorar e rir ao mesmo tempo.

* * *

Seu marido Sasson levou-a para uma pequena aldeia da Grécia, à beira-mar. Ela gostou do mar que acariciava a areia, pedindo a Deus: "Toda a minha vida, Senhor, deixai-me viver junto ao mar. Eu quero morrer com o sol se pondo no horizonte, quando o céu vermelho beija as ondas." Sasson transportava coisas numa carroça atrelada a um cavalo e deu-lhe cinco filhos. Algo dentro dela esperava que eles tivessem olhos verde-dourados, mas os de todos eles eram escuros como os de Sasson. Apenas o quinto tinha olhos verde-dourados.

Clara aprendeu a amar Sasson, seu marido, com devoção pura e serena. Era um homem delicado e agradável, sussurrava-lhe palavras doces, e, de noite, quando lhe fazia filhos, ele chorava. Tinha um corpo ágil como um peixe, olhos escuros e suas mãos eram delicadas como a chama de uma vela. Ela chamava-o "senhor Sasson". E ele cantava-lhe, numa língua que ela não entendia, canções tristes sobre as montanhas e as florestas da Anatólia, onde havia nascido e de onde fugira após o grande incêndio que havia queimado a sua casa. Uma vez, contou-lhe como fora o incêndio e como seus pais haviam perecido no fogo: havia lá gente bêbada, que queria ver também a ele, um menino pequeno, virar uma tocha viva; mas um velho salvara-o. A mãe dele, no entanto, virara cinzas e haviam-na enterrado sem que ele a visse nunca mais.

Nas noites que não acendiam velas, o senhor Sasson procurava velas acesas para apagar. E mesmo em noites de lua cheia, queria apagar incêndios que não havia. Eles moravam à beira-mar, onde as árvores eram raras. Ele sentia saudades das altas montanhas da Anatólia, e quando sonhava com os lugares de onde os riachos afluíam aos grandes rios e onde homens de olhar duro montam cavalos levantando espadas, costumava chorar durante o sono. E Clara sabia com o que sonhava o senhor Sasson. Os sonhos dela eram tão amargos que seu rosto adormecido ficava delicado e liso como o de um recém-nascido. O senhor Sasson procurava Clara com suas mãos sábias e amorosas e sabia consolá-la e defendê-la e amá-la como se ama um bom vinho, bebendo-a lentamente, como se tivesse uma vida inteira pela frente. Clara deixara-o escorrer para dentro dela para dar à luz dois filhos mortos e três vivos. E pensava: "Pois eu realmente amo o senhor Sasson, ele é um homem belo e muito delicado." Às vezes, quando sonhava com um homem de olhos verde-dourados, acordava tremendo e ia beber um chá forte de hortelã e contemplava seu marido a sonhar seus sonhos de terror, aliviando assim o amargo pavor que a queimava. Ela ouvira da boca do sábio Amram sobre Satã e Asmodeus e sabia que estes tinham os olhos verde-dourados.

Quando sua mãe morreu, o pai chamou-a para Esmirna. Ela despediu-se do senhor Sasson e de seus filhos e viajou para junto de seu pai. A visão abandonara os olhos do velho. Ele jazia na cama e queria seguir Marioma, sua esposa. De noite, pediu que Clara se deitasse ao seu lado. Três dias e três noites ela aqueceu, com seu corpo, o corpo agonizante do pai. E ele a chamava Marioma e acariciava seu rosto com saudades. Estas saudades do pai em relação à mãe assustaram-na, porque, apesar de saber que amava seu marido, o senhor Sasson, não sentia saudades dele. Lembrou que nunca sentira saudades de ninguém; no entanto, no fundo de seu coração sabia que aqueles olhos verde-dourados, que lhe traspassavam o corpo em sonhos, eram saudades imensas. Então, quando acariciava os olhos do pai, já não sabia os olhos de quem estava acariciando. E quando ele morreu em seus braços e ela cerrou-lhe os olhos mortos e fechou-lhe a boca aberta com um beijo, não resistiu e pôs a mão sobre os pés dele. Os pés eram frios. E assim, Clara entendeu que ela morrera aquela vez, na janela, quando tinha doze anos de idade.

Após o enterro, seu marido levou-a de volta à aldeia. Durante a cerimônia, ele esteve ao lado dela, segurando-lhe a mão, mas ela não chorou. Após a morte do pai, não sentiu mais saudades dele. No caminho de volta, passou por eles um moço com olhos cheios de ódio e jogou um pássaro morto no colo de Clara. Ela acariciou o passarinho sem saber que estava morto e só mais tarde disse: "— Que Deus nos proteja." O moço rondou-lhe a casa muitos dias. Diziam que Clara era a mulher mais bonita da aldeia e que o moço queria comprá-la. Mas Clara apenas sorria, pois não sabia que se podia comprar mulheres